

“Elas ficam meio injustiçadas”: infância, gênero e desigualdade em bairros de Curitiba

Valéria Milena Rohrich FERREIRA¹
Sabrina FIORESE²

RESUMO: Investiga-se neste artigo, se há diferença no uso que meninas e meninos fazem do bairro e da cidade -a depender da região da cidade onde moram- e no que essas diferenças influenciam em suas redes de interdependência (Elias). Para tal são analisados dados quantitativos obtidos por meio de um questionário entregue a 1600 famílias de crianças estudantes de 27 escolas municipais de Curitiba e também qualitativos a partir da conversa com dez crianças moradoras de diferentes regiões da cidade. Conclui-se que, enquanto as meninas apresentaram pouca autonomia e mobilidade espacial cotidiana no bairro e um alargamento da mobilidade na cidade (ainda que acompanhadas e somente em eventos), com os meninos ocorreu o contrário, principalmente com os meninos do sul-extremo sul que, embora com maior autonomia nas saídas próximas, ficavam bastante circunscritos aos seus próprios bairros e saindo menos a lugares que proporcionariam uma ampliação cultural para fora do bairro.

Palavras-chave: Cidade. Criança. Elias.

¹ Docente da Universidade Federal do Paraná, do Setor de Educação (Departamento de Planejamento e Administração Escolar) e do Programa de Pós-Graduação em Educação - Linha de Pesquisa: Diversidade, Diferença e Desigualdade Social em Educação. Coordenadora do Grupo de Pesquisa OCUPP (Observatório de Culturas e Processos Político-Pedagógicos) e do Grupo de Estudos TECI (Território, Educação e Cidade). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8096-2175>

E-mail: valeriarohrich@gmail.com

² Mestra em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Professora das redes municipal de ensino de Colombo e São José dos Pinhais. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5544-3579>.

Email: sabrina.fiorese1993@gmail.com

“The girls feel a little wronged”: childhood, gender and inequality in neighborhoods in Curitiba

Valéria Milena Rohrich FERREIRA
Sabrina FIORESE

ABSTRACT: This text investigates whether there are differences in the use that girls and boys make of the neighborhood and the city depending on where they live, and how these differences influence their chains of interdependence (Elias). In order to do so, it analyzes quantitative data obtained through a questionnaire sent to 1600 families of children who study in 27 public schools in Curitiba, and qualitative data from conversations with ten children who live in different regions in the city. We conclude that, while the girls showed little autonomy and spatial mobility in the neighborhood but a increased mobility in the city (although accompanied and only at events), the opposite occurred with the boys, especially the ones from south-extreme south. Despite having greater autonomy in the nearby exits, were quite limited to their own neighborhoods and went out less to places that would provide a cultural expansion outside the neighborhood.

Keywords: City. Child. Elias

“Ellas se quedan un poco injusticiadas”: niñez, género y desigualdad en barrios de Curitiba

Valéria Milena Rohrich FERREIRA
Sabrina FIORESE

RESUMEN: Este artículo investiga se hay diferencia en el uso del barrio y de la ciudad por chicos y chicas, de acuerdo con la región de la ciudad en la que viven y también si dichas diferencias influyen sus redes de interdependencia (Elias). Para hacerlo, son analizados datos cuantitativos obtenidos a través de un formulario realizado con 1600 familias de niños estudiantes de 27 escuelas de Curitiba y también cualitativos a partir de charlas con diez niños de distintas regiones de la ciudad. Se concluye que, mientras que las chicas presentaron poca autonomía y movilidad espacial cotidiana en el barrio y ampliación de la movilidad en la ciudad (pese a que estén bajo la compañía de adultos y solo en eventos), a los chicos les tocó un escenario al revés, principalmente con los niños vivientes del sur-extremo sur. Aunque presentaran más autonomía en las salidas más cercanas, sus desplazamientos ocurrían en sus barrios, saliendo menos a lugares que les proporcionarían una expansión cultural en las afueras del barrio.

Palabras clave: Ciudad. Niño. Elias.

“ELAS FICAM MEIO INJUSTIÇADAS”: INFÂNCIA, GÊNERO E DESIGUALDADE EM BAIRROS DE CURITIBA

Introdução

Este artigo analisa a relação entre infância, gênero e cidade a partir de dados de uma pesquisa maior³ que teve como objetivo estudar as configurações sociais de crianças em contextos urbanos. Sobre o conceito de Configuração Social, parte-se dos estudos de Norbert Elias (por exemplo, 1994, 1970) que propôs que os indivíduos não fossem compreendidos nem a partir de uma análise de um sujeito solitário, como uma mônada, que poderia fazer escolhas individuais independente das pressões do mundo social, nem a partir de uma ideia de “sociedade”, como um ente abstrato que explicaria a realidade, independente dos sujeitos concretos. Para fugir dessas análises dicotômicas, o autor sugeriu que os indivíduos fossem compreendidos como interdependentes, formando redes que constituíam Configurações Sociais. Essa questão será retomada mais à frente.

Na referida pesquisa, foram produzidos dados tanto quantitativos quanto qualitativos, respeitando-se todos os aspectos éticos da pesquisa com crianças⁴. Na parte quantitativa, foram entregues aproximadamente 1600 questionários em 27 escolas municipais de Curitiba, sendo três escolas de cada uma das nove regionais administrativas da cidade (hoje a cidade conta com dez regionais) e os questionários foram preenchidos por famílias de crianças dos quartos e quintos anos do Ensino Fundamental. Já na parte qualitativa, foram feitas fotografias e observações dos bairros

³ A pesquisa intitula-se “Vivendo a infância na cidade: redes de interdependência de crianças e processos de socialização em configurações urbanas”.

⁴ Durante todo o processo da pesquisa foram respeitados os aspectos éticos da pesquisa com crianças. Observou-se tanto as diretrizes e normas presentes na discussão instituída pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa (ANPED), no Grupo de Trabalho da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) como também os princípios éticos discutidos no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Neste sentido, primeiramente foi solicitado à Secretaria Municipal de Educação de Curitiba (SME) uma autorização para entrar em contato com as escolas para poder perguntar aos diretores se estes gostariam de participar da pesquisa, sendo que a maioria das escolas previstas concordou em participar. Em um segundo momento, foi explicado a todos os sujeitos envolvidos (professores das turmas, pais ou responsáveis e principalmente para as crianças) sobre a natureza e os objetivos da pesquisa e perguntado se estes gostariam de participar da mesma. Para tal, enviou-se junto com um questionário que seria respondido pelos pais, uma carta explicando a pesquisa, perguntando se eles poderiam responder o questionário e se permitiriam que as pesquisadoras conversassem com seus filhos, na escola, sobre o bairro e a cidade. Os pais responderam pela agenda escolar se permitiam ou não que as pesquisadoras conversassem com seus filhos. Foi explicado às crianças também, detalhadamente, sobre a pesquisa e perguntado se estas gostariam de participar. Foi informado a elas também que se em algum momento não quisessem mais conversar, elas poderiam parar a conversa. A produção dos dados da pesquisa teve início entre 2014-2015.

selecionados, desenhos e conversas de aproximadamente 50 minutos com duas ou três crianças de cada escola.

Neste artigo se trabalhará tanto com dados produzidos a partir dos questionários, quanto a partir de conversas realizadas com dez crianças da pesquisa, moradoras de diferentes regiões da cidade. Parte-se da seguinte problematização: qual a diferença no uso que meninas e meninos fazem do bairro e da cidade, a depender da região em que moram? Qual o sentido que dão a tais espaços e no que essas diferenças influenciam em suas redes de interdependência?

Das análises já realizadas a partir dos dados quantitativos, pode-se dizer que, no geral, as crianças moradoras de bairros da região norte e central da cidade (e tendo neles, entre outras diferenças, um índice maior de famílias brancas em comparação com as do sul e extremo sul, com maiores condições socioeconômicas e com maior escolaridade) utilizavam uma variedade de espaços no bairro e tinham uma mobilidade espacial mais ampla pela cidade. Já as crianças do sul e extremo sul (e tendo nesses bairros da pesquisa, entre outras diferenças, um índice maior de famílias negras⁵ em comparação com as do norte-central, com menores condições socioeconômicas e de escolaridade) tinham maior autonomia nas saídas pela região do bairro onde moravam, mas frequentavam uma variedade menor de espaços fora dele, tendo, portanto, uma mobilidade voltada para o próprio bairro (FERREIRA e FERREIRA, 2020).

Além de diferenças interbairros, verificou-se também diferenças intrabairros, observando-se vantagens em termos de mobilidade espacial para as crianças que moravam na parte central do bairro em detrimento das que moravam em regiões periféricas ou tidas como de vulnerabilidade social, entre outras questões (FERREIRA e FERNANDES, no prelo). Outras análises já realizadas também evidenciaram aspectos importantes que tencionaram diretamente as redes de interdependência das crianças, como o tempo de moradia no bairro e a origem geográfica das famílias (FERREIRA, FERREIRA e SANTOS, 2018). Se verá neste texto, como alguns desses aspectos se relacionam com as questões de gênero e se utilizará também dessa análise que divide a cidade em duas partes, contrapondo a região “norte-central” por um lado e a “sul-extremo sul” por outro, pois as regiões apresentaram dados bastante homogêneos no interior de cada uma delas e muito diferentes entre os

⁵ De acordo com os dados do IBGE (2010) Curitiba possuía em 2010 1.751.907 pessoas, sendo que 78,88% se autodeclaravam brancas e 21,12% se autodeclaravam pretas, pardas, amarelas ou indígenas. Ao analisar as regionais da cidade, com base nos documentos elaborados pelo DIEESE (2010) - Departamento intersindical de estatísticas e estudos sócioeconômicos -, é possível verificar que grande parte da população negra morava a sudeste e sudoeste da cidade como também no extremo sul (CIC, Cajuru e Sítio Cercado). E essas mesmas regionais apresentaram também, maior número de pessoas não alfabetizadas e com menor renda per capita de Curitiba. Ver a análise dos dados da pesquisa especificamente quanto a relações raciais em Fernandes, Ferreira e Santos (2019).

dois polos⁶. Se agrupará os dados, em alguns momentos ainda, entre meninas e meninos, independente da região onde moravam.

Sobre os dados serem tão diferentes entre essas duas porções da cidade, eles coincidem, de algum modo, tanto com a própria história da constituição de Curitiba⁷, quanto com a evidência de que a cidade produz desigualdade de oportunidades entre seus moradores. É na região norte-central, tendo muitos bairros de formação mais antiga, que se encontram mais espaços consolidados de lazer e cultura, como museus⁸, teatros e parques⁹. A utilização mais intensa desses locais por crianças e famílias moradoras dessas regiões acaba por aproximá-las, em alguma medida, da imagem de cidade divulgada pela mídia sobre uma Curitiba modelo¹⁰, ecológica, verde, inovadora quanto a soluções urbanas, formada a partir de imigrantes brancos e europeus. Já as crianças e famílias do sul e principalmente as do extremo sul, de modo geral, tendo menor mobilidade espacial, maior enraizamento em locais segregados da cidade e estando, portanto, longe desses espaços de lazer e cultura consolidados, têm a tendência de se reconhecer pouco nesse projeto de cidade divulgado nacional e internacionalmente.

Em suma, quanto mais para a parte sul e extremo-sul da cidade se mora, e quanto mais no interior do bairro se está, mais há a chance de que marcadores como os de raça, condição econômica e escolaridade da família, se sobreponham aumentando ainda mais as desigualdades no uso da cidade. Este texto analisará como as questões de gênero se entrelaçam com essas questões.

⁶ Em outro momento foram analisadas as especificidades de cada bairro (FERREIRA e FERREIRA, 2020). Os bairros com os quais se trabalhou na pesquisa geral foram: do norte-central, regional Santa Felicidade: Santo Inácio, Mossunguê, Campo Comprido; regional Boa Vista: Pilarzinho, Abranches, (englobando uma escola que fica na divisa com o Vista Alegre); regional da Matriz: Alto da XV, Rebouças e Bom Retiro. Os bairros do sul-extremo sul foram, da regional do Cajuru: Uberaba; regional da Cidade Industrial: CIC (Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais); regional do Boqueirão: Xaxim; regional do Portão: Novo Mundo; regional do Bairro Novo: Umbará (englobando duas escolas que ficam na divisa de Umbará com Alto Boqueirão e Caximba); regional do Pinheirinho: Tatuquara. As escolas da pesquisa que se situavam a sudeste e sudoeste foram agrupadas na categoria “sul-extremo sul” quando se sintetizou a análise dos dados a partir de duas porções da cidade (norte-central e sul-extremo sul).

⁷ De acordo com Souza (2001), a partir das décadas de 1960 e 1970 e principalmente do Plano Preliminar de Urbanismo (1964), a cidade - objetivando se modernizar para ter maior “desenvolvimento econômico” (SOUZA, 2001, p.110) - passa a deslocar pobres e ocupações urbanas consideradas como “desordenadas” para as margens da cidade ou para a região metropolitana. Ao mesmo tempo, passa-se a construir equipamentos públicos em espaços de maior prestígio social.

⁸ A maioria dos museus da cidade localiza-se na região central e enquanto, de modo geral, 70% a 80% das crianças da pesquisa, moradoras das regiões norte-central utilizavam esse espaço, as do sul-extremo sul apresentaram índices em torno de 20% e 30%. (FERREIRA e FERREIRA, 2020).

⁹ “Quando se fala em Curitiba, uma primeira imagem que vem à mente é o *slogan* reconhecido nacional e internacionalmente, de ‘capital ecológica’, de cidade com importantes áreas verdes. Mas, verifica-se que, embora existam espaços verdes de norte a sul da cidade, a quantia de parques é bem maior na região central e norte do que na sul e extremo sul. É também nas regiões central e norte que se encontram, como explicam as famílias, os parques mais bem equipados, com manutenção frequente, e os mais famosos” (Ferreira e Ferreira, 2020, p. 12). Os dados da pesquisa também demonstraram que, quando se tem parques e outros espaços culturais e de lazer no próprio bairro de moradia, as crianças e suas famílias utilizam bem mais estes locais (FERREIRA e FERREIRA, 2020).

¹⁰ Ver mais sobre essa construção imagética em Oliveira (2000), autor que discute “o mito da cidade modelo” e em Ferreira (2016, 2020) como o campo da educação veio também ancorando essa imagem midiática de cidade.

Partir da compreensão de crianças em Configurações Sociais requer que se detalhe aqui, também, um pouco mais a questão. Elias (1970) procurou explicar o conceito de Configuração (ou Figuração), de diferentes formas. Em uma delas, por exemplo, utilizou a ideia de jogo. Em um jogo, os jogadores estão todos articulados por meio de redes de interdependência, ou seja, um interdepende do outro e a ação de cada indivíduo pode modificar toda a estrutura do jogo, mudando assim, sua configuração. Uma configuração se relaciona também à mutabilidade das relações sociais, dependendo assim, do período histórico e social em que os indivíduos estão vivendo. As redes se modificam, se alargam a depender das tensões e dos gradientes de poder que estão em jogo. Elas precisam ser analisadas, portanto, quanto às posições dos indivíduos na rede e às funções que exercem (por exemplo, os diferentes papéis de uma mulher, como mãe, filha, neta, trabalhadora, música, esportista, crente etc.), o que joga um papel importante na balança de poder, nessas interdependências.

No caso deste texto, se quer compreender então, se a dimensão espacial influencia de forma diferente nas redes dos meninos e das meninas e como suas posições e funções tencionam a rede. Pergunta-se: como as questões de gênero atravessam essa relação? Sobre isso é preciso fazer algumas ponderações. Para Scott (1995), gênero é uma categoria histórica e social que tem como objetivo compreender as relações construídas entre os sexos, sendo que essas relações muitas vezes acabam criando hierarquias e desigualdades entre homens e mulheres. Para a autora, a linguagem é a principal ferramenta para a reprodução dessas desigualdades, pois é por meio dela que a identidade de gênero é construída. Louro (2008) acrescenta ainda que as diferenças de gênero não são ditadas por um soberano maior, mas são como uma espécie de “norma” que está presente em todos os lugares, muitas vezes de maneira sutil e invisível, repetida cotidianamente e, muitas vezes, “naturalizada”. A autora faz uma crítica à visão binária de homem e mulher e analisa que, na atualidade, existem diferentes formas das pessoas viverem seus gêneros e sexualidades, o que traz consigo inúmeras formas de identidade.

Já Butler (2003) analisa que também não se deve cair em um determinismo cultural ao discutir a noção de gênero como construção, pois tal concepção pode remeter a uma ideia de sujeitos passivos de uma cultura fixa e imutável. Nas palavras da autora:

[...] a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a ‘cultura’ relevante que ‘constrói’ o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino. (BUTLER, 2003, p.26).

Nesse sentido, compreende-se que os indivíduos não são apenas meros reflexos de uma cultura pré-existente, mas que eles justamente atuam dentro de suas redes de interdependência, em configurações flexíveis, transformando a cultura e podendo transgredir normas e padrões estabelecidos.

É também nesse sentido que se compreende a influência da dimensão espacial nas redes de interdependência das crianças, considerando o espaço, assim como o concebe Remy (2015), como socializado por pessoas e também socializante, e sendo essa influência, portanto, não determinista, mas probabilista e talvez imprevisível. Assim também o bairro, se por um lado, tem propriedades próprias que agem sobre as maneiras de habitar dos indivíduos (AUTHIER, 2006), por outro, é produzido a cada dia por seus habitantes e também pelas crianças.

O cotidiano das crianças e suas redes: aberturas e fechamentos

De início, é preciso que se diga que tanto os dados quantitativos como os qualitativos evidenciaram que as crianças não saíam muito de suas casas, mas no tempo livre, após o horário das aulas, foram percebidas muitas diferenças entre meninos e meninas, como pode-se ver no quadro a seguir, ainda independente da região da cidade em que moravam.

Quadro 1 – Diferenças nas atividades de meninos e meninas em bairros de Curitiba

BRINCADEIRAS E ATIVIDADES	BRINCAR EM CASA	BRINCAR NA RUA	JOGAR BOLA	ANDAR DE BICICLETA	ASSISTIR TV	JOGAR VIDEOGAME	ESTUDAR	LER	ANDAR DE SKATE	OUVIR MÚSICA	DESENHAR	ELETRÔNICOS
MENINOS	17,6 %	5,0 %	14,0 %	8,1 %	17,3 %	12,0 %	6,2%	4,0 %	2,3%	2,5%	5,5%	5,6%
MENINAS	20,8 %	3,8 %	3,5%	8,9 %	21,6 %	2,8%	10,0 %	7,8 %	1,2%	6,4%	6,4%	6,7%

Fonte: as autoras (2015)

A partir dos dados do quadro, observa-se que as categorias Brincar na Rua, Jogar Bola e Videogame - sendo duas dessas atividades realizadas em espaços abertos e, talvez, com pouca supervisão do universo adulto - foram atividades realizadas mais por meninos do que por meninas. Por outro lado, Brincar em Casa, Assistir TV, Estudar, Ler e Ouvir Música - atividades realizadas

muito provavelmente dentro de casa, talvez com adultos mais próximos e muitas delas aproximando-se do modo escolar de socialização¹¹ - foram atividades realizadas mais por meninas.

Esse primeiro dado já leva a ponderar que o cotidiano das meninas pareceu estar mais associado ao âmbito doméstico, em espaços fechados, enquanto o dos meninos (tirando a atividade de videogame), pareceu ocorrer mais em espaços abertos ou na rua. Nessa questão, verificou-se que a região onde as crianças moravam influenciava pouco na escolha das atividades, ou seja, tanto fazia morar na região norte-central, ou na região sul-extremo sul que, meninas e meninos faziam atividades bem diferentes. O único dado contrário a essa situação, foi no item Brincar na Rua. Embora poucas famílias tenham marcado esse item, das que o fizeram, tanto as das meninas quanto as dos meninos do sul-extremo sul apresentaram um índice um pouco maior do que as da região norte-central (18,59% no primeiro caso e 14,56% no segundo), o que indicaria uma maior mobilidade para fora da casa, por parte de crianças de alguns dos bairros dessa região, onde as casas são menores, os terrenos exíguos e ainda, em alguns casos, as crianças contavam com uma supervisão menor dos adultos nesse tipo de brincadeira (conforme outros dados da pesquisa também foram confirmando).

Mas, nessa questão, também foi deixado um espaço em aberto para que as famílias pudessem incluir outras informações sobre atividades realizadas no tempo livre das crianças e que não tinham sido citadas. Poucas famílias acrescentaram alguma outra informação, mas, das que incluíram, pode-se observar mais algumas diferenças entre brincadeiras realizadas por meninas e meninos e sua relação com a região da cidade em que moravam. As famílias das meninas da região norte-central, por exemplo, acrescentaram algumas brincadeiras e atividades realizadas em locais mais fechados, como: “computador”, “academia do condomínio” e “brincar de escolinha e de mercado”. Já as do sul-extremo sul, incluíram várias atividades realizadas em espaços abertos, como: “andar à cavalo”; “andar de patins”; “jogar futebol no campo”, “soltar pipa no campo”, “pular corda e amarelinha”. Aqui, começa-se a delinear uma questão importante e que se acentuará com outros dados que virão mais à frente: as meninas do norte-central pareceram ficar, cotidianamente, em espaços ainda mais fechados do que as meninas do sul-extremo sul; e as meninas do sul-extremo sul pareceram romper, mais do que as do norte-central, com alguns estereótipos de gênero, apresentando mais brincadeiras comumente relacionadas aos meninos (como jogar futebol, soltar pipa).

Quanto aos meninos, as brincadeiras e atividades relatadas poderiam ser realizadas tanto em espaços abertos como fechados e algumas delas também pareceram romper estereótipos, como por exemplo, realizar atividades de recorte e dobradura em papel, geralmente feito por meninas. Assim,

¹¹ Ver sobre isso, por exemplo, Vincent, Lahire e Thin (2001).

as famílias dos meninos do norte-central mencionaram: “andar de patins”, “usar computador” e “constrói miniaturas e esculturas com papel”. Já as do sul-extremo sul mencionaram: “assiste vídeos”, “jogos online”, “origami”, “brinca com amigos no condomínio”, “joga bets” e “solta raia”.

Sobre essas diferenças de gênero e sua relação com espaços mais abertos ou fechados, é possível pensar que, no decorrer da história, determinadas atividades estiveram relacionadas às formas de educação diferenciadas entre meninas e meninos. Felipe (2000) lembra que durante muito tempo certas atividades eram - e ainda são - consideradas de responsabilidade das mulheres, como as de cuidado com a casa e com as crianças, enquanto outras, responsabilidade dos homens, como o sustento da prole e atividades que exigiam maiores esforços físicos. Tais atividades eram e ainda são praticadas em casa desde que as crianças são pequenas sendo reforçadas a partir das brincadeiras propostas, dos brinquedos ofertados e das vestimentas produzidas.

Finco (2007) também analisa que diferentes práticas de controle dos corpos, tanto masculinos quanto femininos, são produzidas transmitindo-se expectativas de desempenho intelectual diferentes para cada sexo e, sendo esse trabalho, muitas vezes, sutil e aparentemente invisível. A autora destaca ainda que desde pequenas as meninas são ensinadas a brincar de forma mais “calma e delicada”, a se sentar, a cuidar de outras crianças e apresentar comportamentos mais sensíveis. Já os meninos são incentivados a realizar atividades que exigem maior esforço físico e agilidade, como jogar futebol, subir em árvores etc.

Percebeu-se também uma certa construção de corpo quando se analisou os dados da pesquisa referentes às atividades extracurriculares realizadas após o período da aula (embora somente 30% das famílias tenham dito que suas crianças realizavam essas atividades). Enquanto as meninas que faziam atividades no bairro, faziam esportes ou atividades físicas mais próximas da arte e da estética (como o balé, a ginástica rítmica, a dança, a patinação artística) o que de certa forma reforçava a ideia de delicadeza e feminilidade, os meninos faziam diferentes esportes competitivos (basquete, vôlei, futebol etc.) o que os relacionava à ideia de destreza e força. E as famílias dos meninos mencionaram o dobro de atividades esportivas em relação às das meninas (22,24% contra 10,27%) e ainda, enquanto o futebol ganhou em disparado para eles (das atividades citadas, 30,38% eram futebol), o balé (juntamente com as outras mencionadas logo acima) ganhou para elas (19,51% das atividades realizadas). Nas conversas, observou-se também a influência da família na escolha por essas atividades. Pedro (10 anos), por exemplo, morador dessa região central, tendo pais professores de natação que o incentivavam a fazer vários tipos de esporte (já tinha feito tênis e xadrez na escola; natação; vôlei, futsal e basquete no clube do Círculo Militar; e futebol no Ahú) comentou: “Eu vou jogar bola com meu pai [no parque São Lourenço] e eu vou praticamente todo dia”; e sobre uma

atividade em outro parque da cidade: “é que daí meu pai também faz muita maratona, daí ele inventou de colocar eu também de maratona, assim, daí eu corri 480 metros e cheguei em primeiro.”

Outro fato importante foi que as meninas também realizavam - ainda que na metade dos casos dos meninos -, esportes de luta e defesa pessoal. Os meninos citaram judô, karatê, muay thai, MMA, jiu-jítsu, box, artes marciais e taekwondo e elas mencionaram os quatro primeiros dessa lista. Mas um dado ainda mais impactante foi que, enquanto as famílias das meninas do norte-central mencionaram apenas uma vez esse tipo de atividade, as do sul-extremo sul mencionaram, proporcionalmente, 6 vezes mais. Nas conversas com as meninas que faziam esse tipo de atividade, elas justificaram que faziam para “aprender a se defender” quando estivessem na rua ou em situação de perigo. Curiosamente, foi na região norte-central que atividades como a yoga, o balé e a ginástica artística foram mais mencionadas. Assim, a escolha das atividades deixa transparecer nitidamente a interseccionalidade¹² entre gênero, classe e território. Algumas meninas do norte-central teriam, então, em suas redes de interdependência, pressões que poderiam levar à construção de um corpo mais “feminino” e menos preocupado com perigos e violência, e algumas meninas do sul-extremo sul, a um corpo mais combativo e preparado para um território muitas vezes hostil¹³.

Dentre outras atividades que também foram citadas, algumas foram mais pessoais e outras mais próximas do mundo do trabalho. Enquanto, por exemplo, uma menina do norte citou o curso de maquiagem, uma do sul citou o curso de tricô e um menino do sul citou um curso de Operador de computador. Mas também apareceram atividades que desestabilizavam a ideia do que seria usualmente esperado com relação ao gênero, como por exemplo, um menino da região norte que fazia yoga e uma menina do sul que fazia remo; e ainda seis meninas do sul que também mencionaram fazer futebol.

E embora poucas famílias tenham citado atividades relacionadas a um maior investimento pedagógico, foram as famílias das meninas as que mais citaram esse tipo de atividade (6,42% contra 4,98%¹⁴), mas a surpresa foi verificar que, embora o índice tenha sido semelhante por parte de meninas e meninos para atividades como inglês e Kumon¹⁵, foram elas as que mencionaram quatro

¹² O termo interseccionalidade é utilizado para demonstrar a sobreposição ou a intersecção de aspectos que levam à desigualdade e que aumentam ainda mais a exclusão, a opressão e a discriminação social.

¹³ As taxas de criminalidade são maiores nos bairros do sul, extremo sul, sudeste e sudoeste da cidade. Ver sobre isso, Silva *et al.*, 2017.

¹⁴ Sobre esses dados e os que vêm a seguir, não foram utilizados aqui, na maioria das vezes, os de frequência a esses locais (também perguntados no questionário), mas sim, os dados de quando as famílias escreviam os nomes dos locais frequentados, dando assim, ainda mais indicações sobre tais usos (mas, nesse caso, as porcentagens diminuem em relação às da frequência geral, estas trabalhadas em outro momento (ver FERREIRA e FERREIRA, 2020).

¹⁵ O Kumon é um método que visa desenvolver o autodidatismo nos alunos de forma individualizada por intermédio das disciplinas de matemática e língua pátria. A palavra designa, além do nome do fundador, o método de estudo que comercializa. Em 2016, o Kumon está presente em 50 países. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Kumon>

vezes mais cursos preparatórios para ingresso no colégio militar ou da polícia militar, em relação a eles. E a análise desse dado é bastante problemática. Esse índice alto deveria ser interpretado somente pela questão de que, por serem as meninas sempre tidas como mais “estudiosas”, as famílias estariam investindo nesses cursinhos para tentar colocá-las em uma escola considerada por elas, como “forte”? Ou se poderia investir em uma interpretação de que, mais uma vez elas estariam sendo disciplinadas corporalmente? Ou ainda, pelo contrário, elas estariam rompendo com estereótipos de gênero?

Sobre o problema político do ingresso das mulheres em instituições militares, Lahire (2002, p. 10) comentou sobre o mesmo dilema em uma interpretação sociológica da questão:

Devemos considerar a igualdade formal como um avanço social em si (a satisfação política será obtida quando houver tantas mulheres quanto homens em grupos de comandantes de paraquedas ou entre legionários) ou devemos considerar que as disposições sociais exigidas para entrar em um corpo de exército (disposições combativas, agressivas, submissão infalível a uma autoridade superior ...), disposições mais frequentemente cultivadas entre os homens do que entre as mulheres em nossas formações sociais, são criticáveis a partir de disposições, valores, atitudes ... mais comumente associados às mulheres (disposição para ouvir, para dialogar, para cuidar dos outros ...?). (LAHIRE, 2002, p. 10, tradução livre das autoras).

De qualquer forma, esse dado deve ser interpretado junto com vários outros que virão na sequência. E já que a menção a esse tipo de atividade foi realizada, novamente, mais pelas meninas do sul-extremo sul, e caso se acrescente a esse dado, outro, o de frequência à atividade de Guarda Mirim¹⁶ realizada na própria escola (meninas do sul-extremo sul faziam, proporcionalmente, mais do que o dobro desse tipo de atividade em relação às do norte-central), o esboço que parece se formar é o de um corpo feminino que, além de mais combativo (pelos esportes de luta), também seria mais disciplinado e obediente. Nesse sentido, é possível lembrar da fala de uma das crianças da pesquisa exploratória que, ao falar sobre os motivos de fazer a atividade de Guarda Mirim, disse: “daqui a vinte e cinco anos eu sei bater continência, eu sei respeitar os outros.” (FERREIRA, 2015, p. 211).

No entanto, as crianças não voltavam para a escola em período contrário ao da aula somente para realizar essa atividade de Guarda Mirim, mas voltavam para uma série de outras atividades (por exemplo: artísticas, como pintura, teatro; de música, como fanfarra, canto, flauta; de investimento pedagógico, como leitura, xadrez; esportivas, como vôlei, tênis, atletismo, futebol). Das crianças da

¹⁶ Trata-se de uma atividade em que um policial municipal fardado desenvolve atividades com as crianças, na maior parte das vezes, na escola, em período contrário ao da aula. Na comparação geral entre meninas e meninos, elas faziam a atividade de Guarda Mirim um pouco mais do que eles (3,97% para elas e 3,11% para eles).

pesquisa¹⁷, quem mais retornava à escola eram as meninas (42,0% para elas; 36,05% para eles) e, também, mais meninos e meninas do norte-central (40,08% para o norte-central; 37,17% para o sul-extremo sul). Dentre as atividades, as de Reforço Escolar foram feitas mais por meninos (14,18% para eles; 12,17% para elas) e principalmente pelos do norte-central.

Sobre as outras atividades ofertadas pela escola, elas foram mais ou menos na mesma direção das atividades realizadas pelas crianças no bairro, reforçando a oferta de atividades conforme estereótipos de gênero, o que provoca a que se pense que a escola poderia ser um espaço privilegiado para oferecer atividades que, justamente, rompessem com isso. De qualquer forma, foram encontradas algumas poucas dissonâncias, como por exemplo: as meninas, além de realizarem atividades de dança e balé (também neste caso, mais as meninas do norte-central) apresentaram índices altos para outros esportes (basquete, vôlei, tênis, atletismo); uma menina do norte e três do sul faziam futebol; e dois meninos do norte também faziam dança; os meninos também faziam diferentes esportes fora o futebol.

Especificamente sobre o futebol, ao que parece, as escolas do sul e extremo-sul também coincidem em ofertar esse esporte que já é, muitas vezes, um investimento feito pelas próprias famílias de classe popular tendo em vista possibilidades de ascensão social (RASERA, 2016). Assim, foram 15 menções dessa atividade na escola, por parte dos meninos do sul-extremo sul contra nenhuma menção dos meninos do norte-central. E quando se conversou com os meninos (dos cinco analisados, quatro mencionaram jogar) estes confirmaram que, de fato, há um grande incentivo de seus pais para que realizem essa atividade na escola. Já sobre os esportes de luta e defesa pessoal, os dados também se repetiram: várias crianças fazendo esse tipo de esporte menos as meninas do norte-central o que, novamente, reforça a ideia da formação de um corpo menos combativo no caso delas.

Na conversa com as meninas, quando se perguntou sobre as atividades extracurriculares, ficou nítido que as do norte faziam mais atividades do que as do sul. No norte-central, Bruna (11 anos) contou que participava da fanfarra na escola, fazia aula de canto, participava da catequese e fazia aula para ser coroinha da igreja e Laura (10 anos) citou a biblioteca pública, contou que fazia xadrez e tênis na escola e também Kumon no bairro. Já na região sul-extremo sul, Alice (10 anos) contou que passava o período contrário ao da aula em casa ou no parquinho do condomínio e Verônica (10 anos) contou que passava as tardes em casa. Somente Vitória (10 anos) contou que fazia balé na escola uma vez na semana e que ia na biblioteca do bairro de vez em quando.

¹⁷ É preciso lembrar que as crianças dessa pesquisa eram as que estudavam em escolar regulares, com estudantes de meio período (4 horas), mas a Rede Municipal de Educação de Curitiba também oferece escolas de tempo integral (8 a 9 horas diárias).

Voltando aos espaços do bairro, vários outros lugares foram investigados e um dado interessante é que as famílias das meninas, no geral, mencionaram mais parques do que as dos meninos (21,28% para elas; 17,87% para eles) e as famílias das meninas do norte-central foram as que mais citaram, pois é no norte e região central que existem muito mais parques e em boas condições de uso, em comparação com o sul e extremo sul. Já com relação às praças, os dados se inverteram a favor dos meninos, tanto nos dados do número de praças citadas (13,51% para eles; 9,90% para elas) quanto nos índices de frequência (por exemplo, as meninas registraram 46,25% o item “não frequenta” contra 27,23% dos meninos). Foram também as famílias da região sul-extremo sul as que mais disseram utilizar praças (meninos e meninas dessa região mencionaram, proporcionalmente, o dobro de vezes a ida a praças). Assim, caso se imagine que a ida ao parque seria um passeio com maior probabilidade de supervisão adulta ou ao menos, de acompanhamento por colegas, e a praça, nem sempre (pelos relatos das crianças isso ficou nítido), teríamos crianças do norte, principalmente meninas, muito mais monitoradas do que as do sul.

Outro espaço que também foi citado mais pelas famílias das meninas do que dos meninos, foi o religioso (27,70% para elas; 24,53% para eles), sendo que as famílias das meninas do sul-extremo sul foram as que mais mencionaram utilizar (28,64% ao sul e 25,59% ao norte) e as dos meninos do norte-central as que menos mencionaram. Tais dados acrescentam às análises a ideia de que as meninas estariam fazendo mais práticas institucionalizadas¹⁸ do que os meninos, mas, que as do sul-extremo sul estariam fazendo ainda mais.

Já quando se analisou o uso do bairro a partir dos dados qualitativos, das cinco meninas com as quais se conversou, apenas duas tinham, de vez em quando, a possibilidade de explorar o bairro sozinhas e mesmo assim, uma delas, Verônica¹⁹ (10 anos, região sul-extremo sul), expôs o medo de sua mãe com relação às saídas: “Às vezes minha mãe tem medo, daí ela manda a gente pra dentro”. E enfatiza o fato de não andar sozinha: “...eu fico sempre com meus amigos mesmo”. Já dos cinco meninos da pesquisa, três podiam sair em comércios na rua de suas casas (dois moradores da região norte-central e um da região sul-extremo sul), e os outros dois (da região sul-extremo sul) contaram com maior naturalidade que podiam explorar alguns lugares do bairro, ir para a escola sem a companhia de um adulto e brincar na rua sozinhos, como foi o caso de Felipe (10 anos, região sul-extremo sul): “Daí a gente vai na casa do Paulo, daí a gente brinca lá, daí a gente fica andando de bicicleta, essas coisas”.

¹⁸ Por práticas institucionalizadas, entende-se atividades realizadas em espaços fechados e com supervisão de um adulto, como por exemplo, em escolas, ONGs, igrejas, cursos etc.

¹⁹ Os nomes dados às crianças neste texto, são fictícios, buscando preservar a identidade das crianças da pesquisa.

Felipe até destaca a diferença no modo de tratamento entre ele, o mais novo, e as irmãs mais velhas e expõe: “De vez em quando elas [as irmãs] ficam meio injustiçadas porque elas não podiam sair, porque meu pai não deixava elas sair, meu pai é louco de ciumento, e eu ele deixa”. (Felipe, 10 anos, região sul-extremo sul). Este modo de falar, além de mostrar essas diferenças de gênero no tratamento dos meninos e meninas, também demonstra certa tomada de consciência dele acerca das desigualdades presentes na própria família.

Ainda sobre as meninas, foi possível verificar que, no dia a dia, elas tinham mais encargos domésticos para realizar do que os meninos. Nos dados do questionário, quando se perguntou sobre outras atividades realizadas no tempo livre, além das já comentadas anteriormente, as famílias das meninas é que registraram: “serviço de casa”, “limpar a casa” e também “dar comida para bichos de estimação” e “passear com o cachorro”. Somente uma família de menino registrou “limpar a casa”. A partir das conversas com as crianças, ficou nítido que o universo da casa, parece ser sempre mais mencionado pelas meninas do que pelos meninos. Sobre essa questão, Ribeiro (2006), que pesquisa as crianças no âmbito familiar, comenta:

No âmbito dos grupos domésticos, os papéis sexuais e as representações de gênero se evidenciam também na relação com os espaços de circulação das pessoas. [...] a casa, portanto, sendo lugar de domínio feminino, é o espaço onde os homens devem ficar o menos possível. Meninos e homens adultos têm as representações reforçadas de que seu lugar é na rua. (2006, p. 158).

Já Senkevics (2015), em pesquisa na cidade de São Paulo, também verificou essa mesma relação e concluiu que o fato de as meninas ficarem encarregadas das responsabilidades domésticas acaba por contribuir para um bom desempenho escolar, convertendo tais responsabilidades em posturas de organização, disciplina, iniciativa e responsabilidade:

[...] esses atributos convergem com muitas das qualidades que a instituição escolar exige ou espera de seu alunado: manter algum grau de ansiedade, estar ciente de suas obrigações, adotar uma postura madura e responsável, ser assíduo e privar-se de parte do seu tempo de lazer para corresponder a expectativas advindas de adultos etc. (SENKEVICS, 2015, p.15).

Em contrapartida, os meninos normalmente “encontrariam no domicílio e na rua outras possibilidades que não a privação do lazer em nome de um dever acima de suas vontades individuais” (SENKEVICS, 2015, p. 13). Assim, enquanto os meninos estariam sendo levados ao lazer à frente das responsabilidades, no caso das meninas, as responsabilidades estariam à frente do lazer.

Esses primeiros dados já parecem trazer pistas sobre a existência de fios de tensão diferentes nas redes de interdependência de meninas e meninos. Até aqui, as meninas, mais do que os meninos,

apresentaram no seu cotidiano maiores responsabilidades domésticas, circularam mais em lugares institucionalizados e mais próximos do modo escolar de socialização. As meninas do norte-central, no geral, estariam mais propícias a desenvolver um corpo mais delicado (mas, também construído a partir de lugares ainda mais fechados e supervisionados), enquanto as do sul-extremo sul, por um lado, poderiam estar construindo um corpo mais combativo e disciplinado frente a territórios hostis, mas, também, seriam elas, por outro lado, as que mais desafiariam as lógicas e estereótipos ligados a determinadas atividades tidas como masculinas. E os meninos, até aqui, parecem tecer redes de interdependência mais livres pelo bairro a partir de um corpo, no geral, mais próximo do esportivo, competitivo e também mais combativo (principalmente os do sul-extremo sul).

Atividades relacionadas ao consumo no cotidiano das meninas e dos meninos

Featherstone (1995) analisa que as cidades, na pós-modernidade, se transformaram em centros de consumo, jogo e entretenimento, tornando a paisagem urbana, cada vez mais estetizada. Vive-se assim em uma cultura de consumo com excesso de signos, publicidade, imagens e ruas da moda. Os dados da pesquisa também demonstraram o quanto essa performance consumista está presente nas redes de interdependência das crianças, mas, de forma diferente, entre meninos e meninas.

De início, dados singelos de seus cotidianos demonstram essas diferenças. As meninas, por exemplo, frequentavam mais o aviário, o pet shop, a farmácia, a feira de verdura e a panificadora, o que indica locais relacionados tanto com o cuidado (de humanos e de animais), quanto com atividades domésticas, além de serem estes os espaços localizados mais próximos de suas residências. Já os meninos frequentavam mais a feira de alimentos prontos, a banca de revistas e a Lan House (espaços mais voltados ao lazer) e também os mercados e supermercados, sendo esses últimos geralmente mais distantes de suas residências.

Os dados também demonstram que as meninas frequentavam mais as lojas de roupas do que os meninos, possivelmente porque a influência midiática para este tipo de consumo é fortemente direcionada às mulheres. Mas a publicidade influencia na construção da subjetividade dos indivíduos, “vendendo sonhos, desejos, fantasias e atitudes” (BORIS e CESÍDIO, 2007, p. 464) e criando verdades e padrões que funcionam tanto para mulheres quanto para homens:

[...] a mídia é uma manifestação cultural, criada não apenas com o objetivo de transmissão de informação, mas de influenciar intencionalmente não apenas o comportamento das mulheres, mas o dos homens também, interferindo na maneira de organizar a sua subjetividade e atingindo questões peculiares ao seu gênero,

principalmente com relação à sua representação corporal. (BORIS e CESÍDIO, 2007, p. 464).

Já Martine Court (2010), fazendo pesquisa na França, observou que enquanto meninos, no tempo livre, se dedicavam, no geral, mais aos esportes, as meninas se dedicavam ao que ela chamou de “trabalho de cuidado com a aparência”. E embora a autora tenha analisado tanto as trajetórias de meninas e meninos que seguiam esse padrão como das/dos que se afastavam dele, observou que no caso das meninas que se vestiam mais próximas da moda e que se preocupavam com o corte de cabelo, com o uso de bijuterias e maquiagem, havia sempre a influência socializadora de um “outro significativo” (expressão de Mead in COURT, 2010, p. 98), ou seja, de alguém que era importante “aos seus olhos” (SERRE in COURT, 2010, p. 98), quer seja pais (geralmente a mãe, mas não só), um outro adulto que vivia próximo (avós, tias, primas, irmãs), pares (amigas da escola, do bairro) ou ainda a inspiração de uma cantora ou artista de sucesso. No caso dos meninos que seguiam o padrão voltado aos esportes, de modo geral, o mesmo ocorria: pais, tios e amigos apoiavam os esportes e as competições, parabenizando sucessos e insistindo na prática sistemática ao longo dos anos.

Os dados da pesquisa aqui relatada, também evidenciaram essa rede feminina relacionada ao comércio (e de alguns meninos, relacionada aos esportes, como já visto no caso de Pedro). Os passeios aos shoppings, por exemplo, foram locais muito citados. As meninas tiveram, no geral, um índice um pouco mais elevado de menções em comparação com os meninos (e 47,02% para as meninas do norte e 39,78% para as do sul-extremo sul, considerando-se quem citou ao menos um shopping) e entre eles, os índices do norte-central também foram maiores do que os do sul-extremo sul (43,62% e 37,34% respectivamente). Além dos dados apresentados nos questionários, as conversas com as crianças também demonstraram o uso intenso desse local. Entretanto, a diferença não está relacionada à quantidade de crianças que frequentavam o local (quase todas disseram frequentar), mas sim ao modo de utilização, o sentido que davam a estes passeios e com quem os realizavam. Ao observar as conversas com eles e elas, é possível notar essa diferença:

PESQUISADORA 1: O que vocês fazem no shopping?

LUAN: Tomar milk shake, brincar, joga bola e só. (12 anos, região sul).

VITOR: Às vezes eu vou ali pro shopping, ficar ali com a minha vó, porque ela trabalha no Shopping Cidade. Daí eu fico lá dando a volta pelo shopping, ela manda eu não sair de lá de jeito nenhum. Ela manda eu ficar perto, sempre é pra eu ir lá avisar que eu tô bem, daí eu faço só isso praticamente. (10 anos, região sul).

PEDRO: Ah, a mãe compra muito roupa. (...) Ela só fica vendo roupa e eu tenho que ficar sentado. Ficar falando se ela tá bonita ou não. (10 anos, região norte-central).

PESQUISADORA 1: E o que você faz lá no Palladium?

VERÔNICA: A gente [ela e a mãe] toma sorvete, a gente gasta muito dinheiro [um momento de pausa e risos]. A gente compra roupa, a gente compra brinquedo... (10 anos, região sul).

PESQUISADORA 2: E o que você mais gosta no shopping Palladium?

ALICE: Que tem bastante coisas de meninas [...] Minha mãe acha que tem mais coisas de meninas [...] daí minha mãe às vezes compra uma tiarinha pra mim, ela compra pra ela também, é muito legal. [...] Eu conheço bastante lojas. (10 anos, região sul).

VITÓRIA: “[Vou] com minha mãe pra comprar roupa pra mim. Com meu pai eu não vou muito, meu pai ele é assim, ele gosta de ficar mais em casa assim, né?” (10 anos, região sul).

A partir das conversas, é possível notar que os meninos utilizavam o shopping mais como espaço de passeio, lazer e alimentação, ou ainda que esse tipo de passeio não era muito apreciado. Já quanto às meninas, caso se desmembre os dados do sul dos do extremo sul, se verifica que são as do sul que, contando com diversos shoppings próximos, relacionavam o passeio ao shopping com a compra de roupas e acessórios. Já sobre as crianças do extremo sul, tanto meninas quanto meninos dessa região, com famílias com poucas condições socioeconômicas, distanciavam-se sobremaneira destas performances consumistas.

De qualquer modo, para os frequentadores (consumindo ou não), é preciso considerar que os padrões sociais dominantes estão sendo insistentemente alimentados, reforçados nesses lugares: “O discurso publicitário, para representar homens e mulheres, utiliza-se das relações de gênero predominantes na nossa sociedade ao demonstrá-las de uma forma atraente com o intuito de torná-las aceitáveis, desejáveis e por isso, consumíveis”. (TEIXEIRA, LIMA e GUSSE, 2009, p. 8).

A partir dos dados vistos até aqui, pode-se acrescentar mais pistas para a compreensão das redes de interdependência das crianças. As saídas das meninas pelo bairro, em geral, são nas proximidades de suas residências e estão relacionadas a responsabilidades de cuidado com o outro ou de si mesmas. Já algumas das saídas mais distantes, estão relacionadas ao trabalho de aparência, discutida por Court (2010) e construídas a partir de uma rede segura e de mulheres da família. Os meninos, por sua vez, aproximam-se mais de atividades ligadas ao lazer, como a ida às Lan Houses e o uso específico que fazem dos shoppings. Eles parecem também poder praticar o trabalho de provedores do lar, experimentando ir a lugares mais distantes do bairro, como aos supermercados. Estes dados se aproximam da pesquisa de Teixeira, Lima e Gussi (2009) que analisam como vai sendo construído historicamente, no contexto familiar, a ideia de que o pai é o provedor da família, aquele que tem a autoridade marital e paternal, enquanto a mãe fica responsável pela criação e educação dos filhos e pela ordem e manutenção do lar.

Outros Espaços do bairro e da cidade: elasticidades e contrações

Sobre o bairro, foi deixado espaço no questionário para que as famílias pudessem escrever outros espaços utilizados e que porventura não tivessem sido perguntados. Poucas famílias escreveram, mas das que escreveram (ao menos um lugar), as dos meninos citaram, de modo geral,

mais do que as das meninas (15,08% e 13,87%) e entre as meninas, as do norte-central citaram mais do que as do sul-extremo sul (15,90% e 13,04%). A seguir é possível observar esses espaços citados pelas famílias por meninos e meninas na cidade de Curitiba:

OUTROS ESPAÇOS FREQUENTADOS POR MENINOS E MENINAS EM CURITIBA

OUTROS ESPAÇOS	MENINOS	MENINAS
ESPAÇOS ABERTOS DO BAIRRO	16,21%	11,92%
CASA DE AMIGOS E VIZINHOS	9,06%	4,92%
ATIVIDADES OFERTADAS NA ESCOLA NOS FINAIS DE SEMANA	25,15%	18,16%
MUSEUS	18,50%	13,94%
PARQUES DA CIDADE	39,44%	42,67%
OUTROS ESPAÇOS DA CIDADE	35,78%	47,80%

FONTE: AS AUTORAS (2021)

Assim, quando a visita era a espaços mais institucionalizados ou com maior possibilidade de que fossem supervisionados por adultos, as famílias tanto de meninos quanto de meninas citaram quase a mesma quantidade de locais (academias privadas; projetos em ONGs; sociedades, clubes ou associações; escoteiros; restaurantes; teatros; e passeios a pontos turísticos). Mas, como visto na tabela acima, os meninos pontuaram bem mais do que as meninas em espaços com menor probabilidade de que fossem supervisionados por adultos, como: parquinhos, academias ao ar livre e canchas de esporte; praças e parques; lanchonetes e sorveterias; cabeleireiros; pet shops; mercadinhos; padarias; farmácias; espaços do condomínio; calçadas; e rua em frente de casa.

Já com relação a regiões da cidade em que as crianças moravam, meninas e meninos do norte-central apresentaram índices maiores de visita a espaços mais possivelmente supervisionados por adultos. Tais dados corroboram a ideia de que as crianças do norte-central são mais monitoradas do que as do sul-extremo sul e também a de que, principalmente as meninas do norte-central (e caso se acrescente também os dados anteriores), são ainda mais supervisionadas. Os dados confirmam também que os meninos do sul- extremo sul saem mais pelo bairro, principalmente em locais menos supervisionados por adultos.

Ainda sobre os espaços do bairro, teve-se o interesse em saber se existiria uma rede de parentes e amigos com os quais as crianças convivessem. Meninos e meninas pontuaram de forma parecida (mas com um leve predomínio dos meninos) a ida cotidiana à casa de avós, tios e irmãos mais velhos, mas, quando se tratou da visita diária à casa de amigos e vizinhos, os meninos , como visto na tabela,

pontuaram quase o dobro de vezes em relação às meninas, o que confirma mais uma vez, uma circulação maior deles pelo bairro.

Já com relação às regiões, caso se desmembre os dados dos bairros do sul (com mais moradores antigos) dos do extremo sul (com mais moradores recentes), se verifica também uma menor saída de meninas e meninos do extremo sul à casa de parentes e amigos. Sendo moradores mais novos na região (e, em geral, vindos da Região Metropolitana ou de outras cidades do Paraná), meninos e meninas do extremo sul contavam menos com uma rede de familiares e amigos próximos e, quem sabe, com menores possibilidades de cuidado e proteção. Mas essa questão também foi encontrada em alguns bairros do norte que contavam com moradores recentes (vindos de outros bairros da cidade), porém como, em geral, a mobilidade espacial dessas famílias vinha junto com uma mobilidade social (melhoria salarial, por exemplo), outras possibilidades contavam, nessas redes, para amenizar a falta de amizades e parentesco próximos. Assim, pode-se supor que seriam as meninas e os meninos com famílias moradoras mais antigas nos bairros que teriam a seu favor, maior segurança para experimentar novas saídas pelo bairro, ancoradas por essa rede de amigos, vizinhos e parentes próximos. (FERREIRA, FERREIRA e SANTOS, 2018). No caso das meninas, essa questão joga muito a favor delas e, então, no caso das meninas do extremo sul, tal situação as impede ainda mais de se movimentar pelo bairro.

Sobre as Ruas da Cidadania²⁰ existentes nos bairros, as famílias tanto do norte-central como sul-extremo sul utilizavam pouco, mas das atividades mencionadas, os meninos tiveram o dobro de menções em relação às meninas. E aqui se ilustra nitidamente a tensão entre responsabilidade e lazer discutido anteriormente, pois foram as meninas (do sul-extremo sul) as que citaram ir nesse local para pagar contas de luz e água, enquanto os meninos citaram ir a festas e carnaval, demonstrando a polarização entre assumir encargos domésticos por elas e realizar atividades prazerosas por eles.

Também se perguntou sobre atividades ofertadas pela escola nos finais de semana e foram as famílias do sul-extremo sul as que mencionaram bem mais esse tipo de atividade em relação às do norte-central. As famílias dos meninos, como visto na tabela, citaram mais uma vez, bem mais atividades do que as das meninas. Sobre essas atividades, as relacionadas a esportes e brincadeiras foram mais mencionadas pelas famílias deles (mais do que o dobro) e foram citadas, por exemplo: parquinho, andar de skate, perna de pau, cama elástica, ping pong, atletismo, futebol, xadrez (e

²⁰ As Ruas da Cidadania são sedes das Administrações Regionais e funcionam como braço da Prefeitura nos bairros, oferecendo à população desses locais, serviços municipais, além de serviços das esferas estadual e federal e pontos de comércio e lazer. Fonte: <https://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/comunidade/equipamento/ruas-da-cidadania>. Acesso em: 29/01/2021.

também cursos de informática). Já as famílias das meninas, apesar de citarem menos atividades esportivas e brincadeiras, mencionaram algumas, como: pular corda, dama, xadrez, jogo da velha, espirobol e biribol. Também pontuaram mais do que eles nas atividades mais próximas das escolares, como: pintura, artesanato, desenho, reforço escolar e uso da biblioteca (e também citaram o curso de crochê, de manicure e de informática).

Também foi investigado, tanto a partir do questionário quanto das conversas, os usos que as crianças faziam dos espaços da cidade. Sobre a visita a parques que não se situassem no bairro de moradia, o maior índice (considerando-se menções a pelo menos um parque) foi das meninas e a diferença de utilização entre as meninas do norte - que contavam com muitos parques e em bom estado de conservação, próximos de suas residências -, e as do sul e extremo sul - que contavam menos com essas possibilidades -, foi grande (48,21% contra 37,13%). A diferença entre os meninos dessas duas regiões foi ainda maior (46,97% contra 31,92%). Com isso, pode-se agregar à discussão dos corpos femininos de algumas das meninas do norte, a ideia de que, além de mais próximas esteticamente da ideia de delicadeza e tranquilidade, também estariam mais próximas de um corpo ecológico, bem aos moldes do que é propagandeado pela cidade, como já discutido no início do texto. Em uma outra ponta, os meninos do sul-extremo sul, mais combativos, competitivos e mais autônomos em seus bairros, estariam cada vez mais distantes de desfrutar desses espaços verdes e desse ideal de cidade tida como ecológica.

Já sobre a ida a cinemas e museus, as famílias do norte-central novamente citaram mais do que as do sul-extremo sul, sendo que meninas e meninos foram de forma praticamente equivalente ao cinema, mas os meninos visitaram mais museus do que as meninas.

Quando se perguntou sobre outros espaços utilizados na cidade e que não tinham sido perguntados, foram as famílias das meninas as que mais citaram espaços e, mais uma vez, as famílias do norte citaram mais do que as do sul. Foram muitas as citações a espaços culturais relacionados à arte e à literatura e as famílias, de modo geral, mencionaram não só os espaços mais emblemáticos da cidade (o Teatro Guaíra ou o Museu Oscar Niemeyer, por exemplo), mas, vários outros espaços interessantes. As famílias das meninas do norte-central, por exemplo, foram as que mais citaram esses espaços, e além dos mais conhecidos, mencionaram também o Teatro Paiol, o Teatro Dr. Botica e a ida a concertos como os da Orquestra Sinfônica, os corais e a Biblioteca Pública do Paraná. Já as dos meninos do norte citaram, além dos emblemáticos, a Capela Santa Maria, o teatro Lala Schneider e mencionaram ainda a gibiteca, a cinemateca e a visita a sebos e feiras de livros. A família de um menino citou ainda shows no Teatro Guaíra relacionados à música e balé. Já os meninos do sul foram os que menos citaram locais desse tipo, mas mencionaram, além de alguns conhecidos, o Teatro Caixa

Cultural, o Lala Schneider e a apresentação dos palhaços Patati Patatá. Entre as citações de lugares conhecidos pelas meninas do sul, uma delas citou o Encontro de Fuscas e Carros Antigos.

As meninas citaram, também, mais pontos turísticos e espaços de lazer fora do bairro. Foram as do sul-extremo sul as que mencionaram mais locais diversificados de lazer como parques de diversão, pesque-pague, chácaras, pistas de skate, carrinho de rolimã e de bate-bate, quebrando novamente com os estereótipos de que algumas dessas brincadeiras seriam somente de meninos.

Até aqui, ao que parece, as redes de interdependência das meninas e dos meninos se alargam no território de forma diferente. Se por um lado elas saem pouco de forma autônoma e cotidiana pelo bairro, saem um pouco mais para fora dele, em locais e eventos que requerem, talvez, a presença de adultos e onde há um interesse visível de ampliação cultural (parques, espaços culturais de arte e literatura, pontos turísticos). Já os meninos, embora circulem mais livremente no bairro, parecem sair um pouco menos para fora dele (embora tenham citado mais museus e também tenham equilibrado seus índices com o das meninas quanto ao uso de cinemas), tendo, assim, menos experiências variadas na cidade, principalmente os meninos do sul-extremo sul. Estes últimos, se comparados, na outra ponta, com as meninas do norte-central que saem para vários locais da cidade, tiveram quase sempre bem menores índices em relação a elas (a título de exemplo, quanto aos cinemas: meninas do norte-central indicaram 35,11% e meninos do sul-extremo sul, 29,81%; quanto aos museus: 18,45% contra 13,85%; parques da cidade: 48,21% contra 31,92%).

A violência na cidade: o imaginário de medo construído por meninos e meninas

A violência nas grandes cidades é um tema amplamente discutido por diversas pesquisas nas ciências sociais, pois afeta diretamente as interdependências entre as pessoas. Sabe-se que muito do que se fala sobre o medo da violência nas grandes cidades faz parte de um construto social que procura tanto estigmatizar as periferias quanto produzir a venda de aparatos de segurança. Por outro lado, na realidade cotidiana das famílias em seus territórios, muito do que é falado sobre medos e violência se mostra real. Quando se analisou, por exemplo, o espaço deixado no final do questionário para que as famílias escrevessem algum comentário complementar ou crítica à pesquisa, dentre diversas informações, sublinharam o fato de que não deixavam que seus filhos saíssem sozinhos no bairro. As famílias do norte-central foram as que mais acrescentaram esse tipo de informação em relação às do sul-extremo sul (7,36%; 5,99%) e as famílias das meninas escreveram quase três vezes mais em relação às dos meninos (9,58%; 3,77%).

Um dado interessante é que as famílias das meninas do sul-extremo sul quase não escreveram que suas filhas não saiam, mas, estrategicamente, sublinharam com quem elas saiam, demonstrando a existência de uma rede de adultos próximos, para essas situações eventuais, como mães, pais, avós, irmãos mais velhos, babá e até a escola: “a criança costuma sair com a irmã”; “vai no shopping e cinemas com a escola e também com a tia”; ou ainda “ela não frequenta nenhum lugar que não seja com os pais ou adultos”.

Já as conversas com as próprias crianças também trouxeram dados que permitiram a reflexão sobre a violência na cidade e no bairro. Das dez crianças pesquisadas, oito citaram diferentes medos: de assaltos, de andar sozinho, de “ladrões, maconheiros e drogados”, de “pessoas estranhas” e de estupro. E os tipos de medo, também se apresentaram de forma diferente entre meninas e meninos. Os meninos, por exemplo, disseram:

PESQUISADORA 1: O que te incomoda no bairro?

LUAN: Ladrão! Ladrão e maconheiro [...]. Um dia morreu um cara bem na frente da minha casa, era maconheiro [...] ele tava devendo eu acho, daí ele morreu. (12 anos, região sul-extremo sul).

FELIPE: Já assaltaram eu, a minha irmã e o meu amigo [...] e levaram uma bicicleta de mil e oitocentos. (10 anos, região sul).

Já quando as meninas falaram, há vestígios que demonstram não só o medo de roubos e assaltos, mas, implícita ou explicitamente, também da violência sexual:

PESQUISADORA 1: E a praça?

VERÔNICA: É... Mais ou menos [...] porque tipo tem bastante gente [pausa] estranha daí... dá medo às vezes. (10 anos, região sul-extremo sul).

VITÓRIA: Mas eu vou rapidinho, [quando sai sozinha] às vezes eu vou com as minhas amigas, né? Porque eu acho bem melhor pra mim, porque eu tenho medo de sair sozinha, não sei por quê, mas eu não gosto de ficar saindo sozinha. (10 anos, região sul-extremo sul).

PESQUISADORA 1: Daí você vem sozinha e volta sozinha [para a escola]?

BRUNA: Não, eu não venho sozinha porque tem um motoqueiro, ele agarra mulheres e crianças [...] Acho que ele pega e estupra... estupra [...] Mandaram um bilhete. [...] Meu pai tem preocupação, ele sempre se preocupa comigo [...] Ele acha que sou muito novinha e eles têm medo que eu acabe sendo estuprada e que um homem pegue e toque no meu corpo [...] é que eu acho que tenho peito, já. [fala isso olhando para seu corpo]. (11 anos, região norte-central).

As falas acima, principalmente as das meninas, demonstram o quanto esses medos parecem estar presentes na tessitura entre corpo e identidade. Sobre isso, Louro (2000) comenta:

[...] o lócus da construção das identidades é o corpo. Ali se inscreve e, conseqüentemente, se pretende ler a identidade dos sujeitos. Marcado pela história, moldado e alterado por distintos discursos e práticas disciplinadoras, o corpo da mulher permanece, ainda hoje, como o alvo mais visível e o mais claro representante da sexualidade. De algum modo, ele carrega toda a ambivalência que, historicamente, lhe foi atribuída: mantém-se ‘problemático’, escorregadio, fragmentado em representações divergentes ou antagônicas. (LOURO, 2000, p. 71)

Assim, nas redes de interdependência de algumas meninas, verificou-se tensões e ambivalências relacionadas a esse corpo infantil e, muitas vezes, na balança de poder entre adultos e crianças, os adultos pareceram exercer um poder muito grande e excessivo em relação a elas. Uma das meninas, por exemplo, nunca teve a possibilidade de andar de ônibus, nem mesmo com os adultos, também relatou pouquíssimas saídas e não conseguia descrever nenhum problema com relação ao bairro que morava, o que pode indicar, além das poucas experiências espaciais, também uma preservação da família quanto a assuntos que envolviam a violência urbana e pessoal.

Contudo, também é preciso considerar que na cidade a “arquitetura do medo, ou contra o medo da solidão, a má iluminação, os chamados ‘espaços armadilhas’, as colunas [...] os caminhos estreitos fazem com que muitos espaços da cidade sejam lugar de temor para as mulheres” (MARTINÉZ BONAFÉ, 2013, p. 450). Vê-se, portanto, que enquanto a cidade é uma potência para algumas crianças, abrigando espaços de lazer, de brincadeiras e de passeios, para outras, principalmente para as meninas, pode conter restrições, medos, receios que impossibilitam o desenvolvimento pleno de suas experiências espaciais.

Considerações finais

Quando se observa a relação entre homens e mulheres do ponto de vista histórico, na longa duração, pode-se constatar que as configurações sociais estiveram se constituindo, para dizer o mínimo, de maneira a posicioná-las de forma subalterna em relação a eles. No equilíbrio sempre móvel de tensões, as mulheres vieram mantendo gradientes de poder bem menores, mas, com o passar dos séculos, lentamente, se percebe que esse desequilíbrio na balança de poder parece estar diminuindo. No século XX, um novo impulso emancipatório tem lugar, as mulheres como nunca antes, tiveram a posse e domínio de seus próprios corpos, havendo uma distribuição um pouco mais equitativa de chances de poder entre os dois grupos (ELIAS, 2010).

Porém, quando se cruza esse avanço ao longo do tempo com o que se observa nas configurações de homens e mulheres no aqui e agora, por dentro do fluxo, e mais ainda, a partir das

crianças e de suas relações com o espaço, muita coisa ainda parece contribuir para manter um forte desequilíbrio entre as experiências que meninos e meninas têm no território. Os dados da pesquisa foram mostrando tensões diferentes em suas redes de interdependência. A posição das meninas em relação à dos meninos pareceu, em vários aspectos, inferiorizada. As tensões em suas redes pareceram coagi-las a reproduzir os papéis de mantenedoras do lar (nas funções de filhas, irmãs, cuidadoras, administradoras) e focadas mais no interior da casa do que no exterior, direcionadas mais para responsabilidades do que para o lazer.

As saídas delas de casa, se resumiam a lugares bem próximos; as redes no território do bairro, menos elásticas; os lugares que frequentavam guardavam relação com o cuidado com o outro. Entre outros lugares possíveis de se estar no bairro, os institucionalizados foram os mais frequentes. O religioso era um deles, as escolas nos finais de semana - conforme as atividades - também poderiam ser uma possibilidade e as Ruas da Cidadania, utilizadas muitas vezes para atividades que requeriam responsabilidades. O critério de escolha de atividades nesses lugares, as levavam para as mais próximas do modo escolar de socialização. Elas investiam ainda no cuidado com a aparência, comprando roupas e acessórios a partir de saídas acompanhadas por uma rede de mulheres. O medo com relação ao espaço rondava-as muito mais do que aos meninos e os seus corpos pareceram estar por vezes em ameaça ou superproteção.

Já os meninos pareceram ter redes de interdependência mais elásticas no bairro, sendo muito mais livres para circular cotidianamente, quer seja na casa de avós e tios, quer seja, e principalmente, na casa de amigos e vizinhos. Frequentavam lugares mais abertos e distantes no bairro, como praças e supermercados e circulavam, também, tanto em espaços mais supervisionados por adultos quanto menos supervisionados. Usavam diferentes espaços do bairro (a Rua da Cidadania, a escola no final de semana) e o critério de utilização, muitas vezes passou por escolhas de atividades prazerosas (festas, carnaval), esportes e brincadeiras.

Quando se analisa a influência de diferentes regiões da cidade nas redes de interdependência de meninas e meninos, outras tensões e relações de poder se formam. As meninas da região norte-central moravam, no geral, em locais um pouco mais seguros e assim, pareciam poder construir seus corpos tanto mais próximos da tranquilidade quanto de uma estética de delicadeza que as aproximava mais de estereótipos do que é considerado como atividade feminina: balé, ginástica, patinação artística, yoga, curso de maquiagem. Mas também o faziam a partir de espaços mais fechados, contidos e em meio a uma supervisão adulta constante. As saídas sozinhas ou entre amigos eram raras.

Já as meninas do sul-extremo sul, morando, algumas, em territórios com maiores índices de violência, pareceram produzir seus corpos mais combativos e preparados para territórios hostis. E, se por um lado, havia em suas redes, pressões e disputas pelo disciplinamento de seus corpos, quer seja a partir de atividades como as da Guarda Mirim, ou mesmo a partir do imaginário de poder frequentar colégios militares (e mesmo das visitas a esses espaços) ou ainda pela frequência a espaços religiosos, por outro, foram elas as que mais conseguiram romper com estereótipos de gênero. Algumas delas jogavam futebol, soltavam pipas, andavam de carrinho de rolimã ou de bate-bate (e uma delas citou frequentar o Encontro de Fuscas e Carros Antigos). Por outro lado, coações de classe também precisam ser consideradas pois pareceram moldar um corpo “responsável”. Elas foram as que, desde cedo, pareceram ajudar mais nas tarefas de casa, experimentam um pouco mais os espaços do bairro - ainda que sob vigilância - para pagar contas ou fazer atividades que, mais tarde, pudessem se converter em algum tipo de renda, como o curso de crochê e de manicure (mas o curso de pintura em pano de prato e a visita ao açougue também apareceram em respostas a outras partes do questionário).

Quanto aos meninos do norte-central, os dados se aproximaram algumas vezes dos das meninas do sul-extremo sul, demonstrando que uns e outros são supervisionados constantemente, mas, não tanto quanto as meninas do norte. Em relação a outros aspectos, eles pareceram menos institucionalizados, como na visita a espaços religiosos, em que estes foram os que menos frequentavam. Em outros momentos ainda, se aproximaram dos dados das meninas do norte e distanciando-se, portanto, das crianças do sul-extremo sul, tendo a possibilidade de visitar mais parques, locais culturais entre vários outros espaços da cidade. Alguns desses meninos - ainda que muito poucos -, também pareceram quebrar estereótipos de gênero como, por exemplo, um menino que fazia yoga, outros dois que faziam dança e um deles que foi assistir a uma Apresentação de Balé no Teatro Guaíra.

Os meninos do sul-extremo sul tiveram redes de interdependência bem contraditórias e tensas. Por um lado, apresentaram um grande alargamento das experiências no bairro, mas por outro, também uma grande preocupação com esse mesmo território, o que ficou nítido pela quantidade grande de atividades de luta e defesa pessoal que realizavam. Seus corpos se construía, assim, combativos, mas também, competitivos (mas sem a variedade de possibilidades e vivências proporcionadas por diferentes esportes e atividades, mas sim, fortemente, pelo futebol). O uso alargado do território do bairro ficou demonstrado também, pela ampla visita à escola nos finais de semana, às Ruas da Cidadania, aos supermercados e comércios locais. Mas, quando se tratou da saída do bairro e da visita a diferentes espaços culturais, a diferentes lugares da cidade, onde haveria um alargamento do território, um conhecimento maior da cidade, eles foram os que menos apresentaram essa

possibilidade, evidenciando a dureza da vida e o convívio em um território, muitas vezes árido e “sem nada para fazer”.

Referências

AUTHIER, Jean-Yves. La question des “effets de quartier” en France. Variations contextuelles et processus de socialization. In: AUTHIER, Jean-Yves; BACQUE, MarieHélène; GUERIN-PACE, France. **Le Quartier: enjeux scientifiques, actions politiques et pratiques sociaux**. Paris: La Découverte, 2006.

BORIS, G. D. J.; CESÍDIO, M. H. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 7, n.2, p. 451-478, set/2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482007000200012&script=sci_arttext&tlng=en. Acesso em: 20/03/2021.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COURT, Martine. (2010). **Corps de filles, corps de garçons: une construction sociale**. Paris: La Dispute. 2010.

DIEESE. Mapa da distribuição percentual da população negra em relação ao município, segundo bairros agregados, a partir do Censo/IBGE. In: Observatório do Trabalho de Curitiba- **Perfil Demográfico e Socioeconômico dos Bairros Agregados de Curitiba**. Curitiba, 2016. Disponível em: <http://www.coreconpr.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/bairros.pdf> Acesso em 18 março 2020.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

____. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1970.

____. **Au-delà de Freud: sociologie, psychologie, psychanalyse**. Paris: La Découverte, 2010.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FELIPE, Jane. Infância, gênero e sexualidade. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 25, n.1 p. 115-131, jan./jun. 2000. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/48688> Acesso em: 20/03/2021.

FERNANDES, Sonia Maria; FERREIRA; Valéria Milena Rohrich; SANTOS, Marcia Cristina. **Infância, raça e gênero em Curitiba**. V Seminário Luso-Brasileiro de Educação Infantil / II Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Infâncias e Educação, SP. Dez., 2019.

FERREIRA, Valéria Milena Rohrich. **Tecendo uma cidade modelar: relações entre escola, currículo e projeto da cidade de Curitiba**. Revista Educação (PUCRS. Impresso), v. 39, p. 33-45, Porto Alegre, 2016.

- ____. **Infância e Cidade:** A construção de um currículo enjoadinho na Curitiba da década de 1990 e início dos anos 2000. 1. ed. Curitiba: APPRIS, 2020. v. 1. 313p.
- ____. Práticas Institucionalizadas e processos de socialização de crianças na cidade. **Revista Cocar** (UEPA), v. 9, p. 203-218, Belém, 2015.
- ____. FERREIRA, Solange Pacheco. Configurações da infância na cidade: desigualdade interbairros e nos usos dos tempos e espaços por crianças curitibanas. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, 2020.
- ____. FERNANDES, Sonia Maria. **Infância e justiça espacial:** desigualdades inter e intrabairros nas experiências das crianças na cidade. No prelo.
- ____. FERREIRA, Solange Pacheco; SANTOS, Rojanira Roque dos. Antiguidade de moradia no bairro, origem geográfica das famílias e sua relação com usos e vivências das crianças na cidade e no bairro. In: Anais do Colóquio Internacional Crianças e Territórios de Infância. **Anais...** Brasília (DF) UnB, 2018. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/territoriosdeinfancia/89176-ANTIGUIDADE-DE-MORADIA-NO-BAIRRO-ORIGEM-GEOGRAFICA-DAS-FAMILIAS-E-SUA-RELACAO-COM-USOS-E-VIVENCIAS-DAS-CRIANCAS-N>>. Acesso em: 06/03/2020.
- FINCO, Daniela; A educação dos corpos femininos e masculinos na Educação Infantil. In: FARIA, Ana Lúcia de (org.). **O coletivo em creches e pré-escolas: falares e saberes.** São Paulo: Cortez, 2007, p.94-117.
- IBGE. **Censo Demográfico 2010:** Número de habitantes Curitiba PR, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=410690> Acesso dia: 28/09/2017.
- LAHIRE, Bernard. Héritages sexués: incorporation des habitudes et des croyances. In BLÖSS, Thierry. (Org). **La dialectique des rapports hommes-femmes.** Paris: Presses Universitaires de France, p. 9-25 2002.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero e Sexualidade: Pedagogias Contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p.17-23, mai/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em: 15/01/2021.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MARTINEZ BONAFÉ, Jaume. A cidade no currículo e o currículo na cidade. In: SACRISTÁN, José Gimeno (org). **Saberes e incertezas sobre o currículo.** Porto Alegre: Penso, 2013.
- OLIVEIRA, Dennison de. **Curitiba e o mito da cidade modelo.** Curitiba: Editora da UFPR, 2000.
- REMY, Jean. **L'espace, un objet central de la sociologie.** Toulouse: Éditions Erès, 2015.

RIBEIRO, Jucélia Santos Bispo. Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 26, p.145-168, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30389.pdf>. Acesso em: 20/03/2021.

SCOTT, Joan W. Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 15/01/2021.

SENKEVICS, Adriano Souza. Lavar a louça ou brincar na rua? Gênero, família e escola em camadas populares de São Paulo. In: 37ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, **Anais...** Florianópolis, ANPED, UFSC, 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT14-3514.pdf>. Acesso em: 20/03/2021.

SILVA, Monica M; TORRENS, Luiza Alberti; SCHAFASCHEK, Maria Clara; MIOZZO, Vinicius Luigi. Desenvolvimento social e criminalidade: uma análise intra-urbana do fenômeno em Curitiba. In: XVII ENAMPUR, São Paulo, 2017. **Anais...** Disponível em: http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%202/ST%202.9/ST%202.9-01.pdf. Acesso em: 20/03/2021.

SOUZA, Nelson Rosário de. Planejamento urbano de Curitiba: saber técnico, classificação dos cidadãos e partilha da cidade. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, n. 16, p. 1-18, jun. 2001.

RAZERA, Frédéric. **Des footballeurs au travail. Au coeur d'un club professionnel**. Éditions Agone, 2015. 312 p.

TEIXEIRA. Katiane Farias; LIMA, Rafaelly Oliveira; GUSSI, Alcides Fernando. **Reflexões sobre gênero e consumo na publicidade entre mulheres da periferia de Fortaleza (CE)**. Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal do Ceará. 2009. Disponível em: http://www.xxcbcd.ufc.br/arqs/gt5/gt5_21.pdf Acesso em: 20/03/2021.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard. e THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 33, p. 7-47, jun. 2001.



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)*

Recebido em: 23/03/2021
Aprovado em: 06/09/2021